

“É um giro-o-giro no vago dos gerais que nem os pássaros de rios e lagoas”. Diz o narrador roseano em Grande Sertão: veredas, sobre o vai e vem de camponeses agregados em busca de sobrevivência e trabalho. De “Grande Sertão” para cá, as migrações tornaram-se um dos fenômenos históricos mais complexos e dinâmicos. Suas motivações, facetas e protagonistas são influenciados e influenciam relações sociais locais, mundiais; moldam e transformam leis, instituições, percepções de temporalidades, sociabilidades de quem parte, mas também das pessoas que ficam e subjetivamente, objetivamente as vivenciam. Travessia e seus colaboradores querem contribuir nesse debate destacando questões sobre trabalho, políticas migratórias, redes, desterritorialização, transnacionalidade, mobilidade ocupacional, afetividades e temporalidades vividas nos processos migratórios.

Nesta edição temos o Dossiê “Trabalho e políticas migratórias transnacionais”. No primeiro de seus três textos, *Falha sustentabilidade do sistema migratório laboral temporário*, Graziano Battistella aborda o retorno da migração temporária facilitada por arranjos políticos para viabilizar a permanente condição de temporário dos trabalhadores migrantes em diversos países do Oriente Médio, da Europa e nos Estados Unidos da América. Ele aponta algumas modalidades dessa migração, vantagens e desvantagens para os migrantes, para os países de origem e de destino, e a necessidade de considerá-la na perspectiva dos direitos humanos.

Katiani T. Shishito e Marina S. Roncato nos falam sobre os *Legalmente necessários, socialmente indesejados...* Seu foco são as políticas migratórias do Estado Japonês que restringiram a entrada e permanência de trabalhadores imigrantes asiáticos e estimulou a entrada de imigrantes descendentes de japoneses até a terceira geração (Nikkei), para o trabalho precarizado no mercado informal. Considerando que os dekasseguis estejam situados no limiar entre o imigrante desejável e o indesejável, as autoras questionam sobre o lugar desse trabalhador na política migratória do Estado japonês.

Em *Profissionais transnacionais no setor petrolífero*, Genilson E. Costa aponta para corporações do setor de petróleo e gás, com forte papel

na seletividade migratória, e seus reflexos nos fluxos populacionais gerados por suas atividades. Essas corporações formam redes internacionais de fluxos permanentes no mercado de trabalho para cargos gerenciais que exigem alta qualificação. Para além do Estado, as empresas transnacionais engendram políticas migratórias que proporcionam migrações seletivas. Trata-se de expressões de mobilidade que exigem novos conceitos e arranjos políticos que superem enfoques tradicionais considerando a condição de “expatriados” desses profissionais transnacionais.

Na sequência temos cinco textos diversos, mas que dialogam com o dossiê a partir do tema “transnacionalidade”. Em *Colombianos na Casa do Migrante em São Paulo (1997-2007)*, Rafael E. Mejía observa uma desterritorialização vinculada a conflitos políticos na Colômbia. Mas, indica um rebusque (saber fazer) de imigrantes colombianos como estratégia para resolver questões vitais como moradia, trabalho e documentação. Mejía também nos informa sobre a intensidade do fluxo de colombianos na Casa do Migrante; seu *status* jurídico; sexo, raça/etnia; escolaridade; ocupações no Brasil; etc.

Rene C. Berardi fala sobre a *Análise matricial da mobilidade ocupacional: o caso dos imigrantes chilenos no Paraná*. Para ele, fatores estruturais, como abertura do mercado de trabalho, bom nível de escolaridade e maior tempo de residência no “local de destino” contribuíram para a mobilidade ocupacional ascendente do imigrante chileno, inclusive a de caráter intergeracional, no Paraná.

Em *Nordestinos na Zona Leste de São Paulo*, Valéria B. Magalhães nos convida a pensar sobre redes e suas possibilidades subjetivas e objetivas no acesso à moradia, trabalho, qualificação profissional e estratégias dos migrantes para lidar com o preconceito. Articulando história oral e teoria sociológica, ela apresenta relatos que revelam a multiplicidade sociocultural de seus interlocutores e as várias motivações para a emigração. Valéria ainda destaca aspectos da transnacionalidade da migração ao comparar o caso de nordestinos em São Paulo com o dos argelinos na França.

No belo e etnográfico relato *Meu irmão Aduato*, Ethel V. Kosminsky narra a experiência de conhecer Aduato, seu irmão paterno com 85 anos de idade, e ela já à beira dos 70 anos. Ele surge através de trocas de mensagens, pelo Facebook, entre Malone, neto de Aduato, e

Doris, irmã caçula de Ethel, que sai de New York- EUA, para encontrar o “novo” irmão na Bahia. Durante o encontro, eles trocam presentes, impressões e falam sobre a concepção de Adauto, fruto de amor proibido entre dois adolescentes, Abraão - judeu descendente de imigrantes – e a jovem católica Auta. Iguarias da culinária baiana dão bom cheiro e sabor à conversa. Os novos parentes de Ethel não se interessam pelo judaísmo, mas ficam curiosos com a sua origem comum na Bessarábia (Maldova), agora simbolicamente revisitada em Vitória da Conquista-BA. Mas, Adauto está doente e sente frio. Ethel procura confortá-lo e é confortada.

A celebração de um culto por imigrantes bolivianos, sob a sombra de um majestoso jacarandá, no Largo do Rosário, em São Paulo-SP, é percebida por Lucas Florêncio que, no conto *A sombra os acolherá*, transporta a cena da celebração para o tempo em que negros escravizados também se encontravam no Largo, sob aquele mesmo jacarandá, como espaço de comunhão espiritual. Apesar dos bolivianos estarem alheios ao tempo que transcorre entre a sua celebração e a dos africanos, o olhar desencontrado dos transeuntes de agora sobre eles também podia ser notado nos transeuntes de outrora sobre os negros. Esta atemporalidade de fatos é destacada por Lucas que nos convida a considerar a superficialidade de conceitos como “o outro” e as distintas dimensões da migração.

Concluímos esta edição com a beleza desse conto e a percepção inequívoca de que o “giro-o-giro no vago dos gerais” se estende aos vagos do mundo com temporalidades justapostas e transversais exigindo novos arranjos políticos, ultrapassando os limites do econômico, expressando subjetividades, afetividades cotidianas que concorrem para a sua dinâmica, complexidade e expansão. São faces da migração, das quais a perspectiva teórica não pode escapar ilesa, o olhar do gestor público não pode querer desencontrar sob o risco de *cambiar* em pesadelo os sonhos de justiça social e dignidade humana ainda adormecidos nos travesseiros da modernidade, para falar com Drummond. Boa leitura!

*José Carlos Pereira*

